

O grito de um ferido: origens do português em risco

Victor Hugo da Silva Vasconcellos *

Universidade da Coruña. Corunha, Galiza, Espanha.

E-mail: victorvasconcellos@uol.com.br

Resenha de: FREIXEIRO MATO, Xosé Ramón. *A estrela que nos guía. O galego entre un pasado brillante e un incerto futuro*¹. Santiago de Compostela: Fundación Moncho Reboiras, 2023.

O trabalho de Xosé Ramón Freixeiro Mato, publicado em 2023, apresenta a situação da língua galega na Comunidade Autônoma da Galiza, esta que pertence administrativamente ao Estado Espanhol. Sua crítica fundamenta-se não apenas na contemporaneidade, mas estrutura sua argumentação na constituição histórica da língua galega, como também do povo da Galiza. Desse modo, a estrela-guia que consta no título é a língua galega de passado grandioso, porém, que padece de incertezas futuras quanto à sua sobrevivência.

Editores-chefes

Marcus Dores
Célia Lopes

Recebido: 29/12/2023

Aceito: 25/03/2024

Como citar:

VASCONCELLOS, Victor Hugo da Silva. O grito de um ferido: origens do português em risco. Revista LaborHistórico, v.10, n.2, e62481, 2024. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v10i2.62481>

* Victor Hugo da Silva Vasconcellos é doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade da Corunha (A Corunha, Galiza, Espanha). Também é doutorando em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo, Brasil). Possui mestrado em Língua Portuguesa e licenciatura em letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (São Paulo, Brasil). Atua na área de Letras, com ênfase em Análise do Discurso e Gramática Contrastiva. Seus interesses de produção científica são: Análise do Discurso materialista; Ensino de Língua portuguesa; e Gramática da Língua Galega.

¹ A estrela que nos guía. O galego entre um passado brilhante e um futuro incerto. Tradução nossa.

O livro está dividido em sete capítulos temáticos, além da introdução e das conclusões. Cada um desses capítulos aborda uma peça da engrenagem da argumentação montada por Freixeiro Mato sobre a relevância da defesa da língua galega. É apresentado o percurso histórico do galego desde o seu surgimento, passando por sua fase de glória na Idade Média como língua do Reino da Galiza, abordando a submissão à Coroa de Castela e explicitando a atual situação como Comunidade Autônoma no Reino da Espanha.

É uma obra que sintetiza as produções históricas e linguísticas galegas sobre a Galiza, em que apresenta uma reflexão ampla do presente e do futuro da língua. O autor é certo ao demonstrar todos os aspectos grandiosos da história e do prestígio de sua língua e da sua cultura de outrora em contraste com a situação presente, que é decadente e pouco esperançosa. Ao mesmo tempo que traz a realidade, não se esquia de propor ações que mudem o presente da língua, garantindo seu futuro. É uma obra indispensável para o primeiro contato com a história da Galiza, constando referências bibliográficas galegas para aprofundamento de cada período abordado. É também uma obra relevante para os conhecedores do assunto, a fim de ter, numa única produção, um resumo do percurso do povo galego: da chegada dos romanos até o momento presente, no século XXI. A seguir, serão apresentadas as ideias-chaves de cada capítulo.

No capítulo 1, *Cal é a orixe do galego e o que representa?*², percorre-se a história da língua desde a província romana da Gallaecia, dominada por Roma no século I, a partir do latim e das influências das línguas locais e das línguas germânicas que chegaram à península posteriormente (Suevos e Visigodos). Desse modo, o galego surgiu em torno dos séculos VIII e IX, como língua diferenciada do latim. Esse romance ganharia projeção internacional a partir dos séculos XIV e XV sob o nome de português, pois o autor considera que o galego e o português são a mesma língua com nomes e normas diferentes. Em diálogo com outro autor galego, Henrique Monteagudo (2012, p. 52) expõe:

[...] este romance galego-português foi o resultado da evolução natural do latim vulgar falado nas terras da velha província romana da Gallaecia, isto é, nas terras nordocidentais da Península a norte do rio Douro, uma área que a efeitos de clareza denominaremos *Gallaecia Magna*. A denominação compósita galego-português [...] remete com cada um dos seus dois termos para denominações mais tardias de duas partes do território onde se originou o romance: a norte do rio Minho, a Galiza estrita (que grosso modo corresponde com o território da atual Galícia), que tem como núcleo o antigo convento romano galaico lucense; a sul do Minho e a norte do Douro, o condado e depois reino de Portugal, que tem como núcleo originário o antigo convento romano galaico bracarense.

² Qual é a origem do galego e o que representa? Tradução nossa.

Portugal tornou-se independente do Reino da Galiza no século XII, desenvolvendo a sua língua livremente enquanto a Galiza foi anexada à Coroa de Castela cuja língua é o castelhano. Logo, o galego foi perdendo pouco a pouco a sua posição de prestígio como língua política e de cultura. A língua ao norte (galego) ficou submetida à Castela, já a língua do sul (galego de Portugal ou simplesmente português) pôde desenvolver-se como língua de Estado e de cultura. A subordinação ao castelhano iniciou o processo de substituição linguística, permanecendo apenas a língua da Coroa castelhana como língua oficial para assuntos políticos, já no século XIII, com o rei Afonso X, O Sábio. Para Lois-González (2002, p. 200):

[...] A língua literária comum na Idade Média virava assim ao sul do Minho numa língua de estado, o que implicou, como noutros casos, uma série de desenvolvimentos linguísticos: depuração léxica, fixação ortográfica etc. Evidentemente, este processo de elaboração linguística não ocorreu na Galiza, onde a língua endógena, falada pela imensa maioria da população ficou relegada aos usos orais.

Todo o prestígio medieval do galego como língua política e de cultura foi diminuindo conforme aumentava o poder de Castela e avançava o castelhano no território da Galiza. Esse avanço durante os séculos Situação em que em 2023 tornou o galego língua minoritária no local onde nasceu.

Intitulado *A Idade Média: um extenso período de normalidade linguística*³, o capítulo 2 inicia com a discussão sobre a existência do reino da Galiza no período medieval. É um tema premente porque a historiografia até então apresentava o reino das Astúrias como o início do processo da “reconquista” cristã na Idade Média sob o comando de *Dom Pelayo*. E posteriormente, o que era então o reino da Galiza passaria a ser chamado de reino de Leão. Dessa forma, o reino da Galiza fundado em 411 pelos Suevos passaria a não existir na historiografia oficial espanhola a partir do período da Reconquista Cristã. Apesar dos esforços de Castela para apagar a história galega, intelectuais da Galiza, nos séculos XX e XXI, por meio de fontes históricas, apresentaram a existência do reino galego. Em crônicas e documentos dos séculos VIII em diante, havia referências ao Reino da Galiza tanto em árabe, em galego como em latim. A resistência galega é reconhecida também nas palavras de Codesido Lueiro (2023, p. 8-9):

[...] Realmente, parece ser que el único colapso que se produjo con la llegada musulmana fue el político, de manera que la desaparición del reino visigodo y la huida de parte de su nobleza habría conllevado un vacío de poder y la disolución de dependencias, ya que esta era la propietaria de la tierra. Y así toma forma entre el Duero y

³ A Idade Média: um extenso período de normalidade linguística. Tradução nossa.

el Tajo un espacio a modo de tierra de nadie, donde cristianos y andalusíes realizaban expediciones de pillaje. La incapacidad de imponerse un poder superior favoreció el crecimiento de unas élites locales en comunidades autogestionadas, sobre todo en Gallaecia, espacio geográfico en el que parece mantenerse viva la identidad colectiva heredada de época romano-sueva y sancionada durante el dominio visigodo.⁴

A falsificação de documentos para apagar a Galiza teve um objetivo: criar a história de Castela. Destarte, Castela precisava se mostrar como um reino mais poderoso e influente que seu rival Galiza. Para construir essa imagem, buscou inventar o Reino das Astúrias e aumentar a importância do reino de Leão. Apesar da imposição linguística, o galego ainda era língua de prestígio e era usado nas cortes da Galiza, de Portugal e também de Castela; os reis castelhanos eram educados na Galiza. Tanto é que o esplendor artístico da península Ibérica acontece em galego nas famosas cantigas medievais, nos séculos XII, XIII e XIV. Embora o declínio do galego inicie-se no século XIV, é apenas no século XVI que desaparece como língua de prestígio e de cultura. O galego foi a língua escrita dominante durante a baixa Idade Média, na península Ibérica, tanto nas manifestações artísticas, como também nas políticas e nas religiosas.

No capítulo 3 *Imposición do castelán na Galiza e inicio do conflito lingüístico*⁵, descreve-se o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna, época em que o galego está em seu declínio. Durante o século XV, a alta corte galega passou a utilizar o castelhano como língua política e de cultura. Já no século XVI, iniciou-se a castelhanização dos topônimos e dos antropônimos galegos. Nessa época, houve mistura das duas línguas na escrita feita na Galiza. Foram descobertos documentos só em castelhano, outros só em galego; ou, no mesmo documento, apareciam trechos com as duas línguas. Isso acontecia, provavelmente, por conta dos escribas que ainda não dominavam a língua castelhana. Não raro, havia documentos escritos de maneira híbrida, como se os dois idiomas fossem um só, assinalando o baixo conhecimento linguístico da língua de fora, isto é, de Castela.

⁴ [...] Realmente, parece que o único colapso produzido com a chegada muçulmana foi político, de modo que o desaparecimento do reino visigodo e a fuga de parte da sua nobreza teriam levado a um vácuo de poder e à dissolução das dependências, já que eram os donos da terra. E assim toma forma um espaço entre o Douro e o Tejo como uma terra de ninguém, onde cristãos e andaluzes realizavam expedições de pilhagem. A incapacidade de impor um poder superior favoreceu o crescimento das elites locais em comunidades autogeridas, especialmente na *Gallaecia*, espaço geográfico em que parece manter-se viva a identidade coletiva herdada da época romano-sueva e sancionada durante o domínio visigótico. Tradução nossa.

⁵ Imposição do castelhano na Galiza e início do conflito linguístico. Tradução nossa.

Os séculos XVI e XVII são os séculos escuros para a língua galega. Nesse período, o galego foi desaparecendo da escrita tanto literária quanto de documentos. São raros os textos dessa época escritos em galego (principalmente do século XVII). A escrita, nesse momento, era numa língua estrangeira, diferente daquela gerada no âmago da Galiza. Portanto, o galego passou a ser uma língua marginalizada e ridicularizada no seu próprio território. Sofria assédio dos galegos mais poderosos, dos castelhanos e também dos portugueses. De língua de reis e de expressão literária, a língua culta galega passa a ser uma língua desprezada e ridicularizada, falada apenas pelas camadas populares. Peres Vigo (2023, p. 115), discute a literatura espanhola que difundia os preconceitos contra o povo de origem galega no século XVII:

[...] para além do uso frequente da figura literária do imigrante galego e dos clichés associados a estas personagens, não faltou uma massa de escritores que aproveitou a ocasião para introduzir na sua obra um monte de preconceitos e lugares-comuns xenófobos contra a diáspora galega, bem assentados, aliás, na opinião pública do centro e do sul da península da época. A presença maciça de galegos e galegas na Castela do século XVII acabou por se transformar num tema recorrente e mesmo iniludível entre os diferentes escritores da altura, visto de uma perspectiva especialmente cómico-satírica.

Ainda que o português seja um *continuum* linguístico do galego, os estudiosos portugueses buscaram distanciar o padrão que estavam construindo para o português da variedade galega, levando esse preconceito também aos falares do norte português (região que fazia parte do reino galego antes da independência). Como parte desse processo de separação, foi gerado o mito da Lusitânia, isto é, uma origem diferente para o povo de Portugal. Preconceito e marginalização que continuarão pelo século XVIII e seguintes. Ainda sobre os séculos XVI e XVII, Freixeiro Mato (s/d, p. 3-4) diz:

Nestes séculos (XVI e XVII) vaise conformando progresivamente un reducido grupo monolingüe en castelán que ocupa o cumio do poder político-relixioso, un grupo autóctono bilingüe integrado no aparato de poder e unha inmensa maioría monolingüe en galego. O primeiro grupo vai actuar como motor do proceso de substitución lingüística, atraendo cara ao castelán as capas sociais que procuran o ascenso a través da carreira burocrática. Devagariño, vaise identificando o galego cunha maneira natural de falar, sen relación ningunha coa cultura, e vaise abrindo paso a crenza de que é unha forma corrupta do castelán. E todo isto derivado dunha situación socioeconómica que levaba os paisanos a teren de se deslocar á corte para realizaren os traballos máis desprestixiados⁶.

⁶ Nestes séculos (XVI e XVII) vai-se formando progressivamente um reduzido grupo monolíngue de castelhano que ocupa o cume do poder político-religioso, um grupo autóctone bilingue inte-

Intitulado *O longo camiño de rexeneración da lingua galega*⁷, o capítulo 4 apresenta as ações do reino espanhol, no século XVIII, para impor apenas uma língua de Estado: o castelhano. Essas medidas miravam a Catalunha, a fim de proibir o catalão como língua veicular e educacional. Já na Galiza, o galego era falado pelas massas e parte de uma nobreza galega bilíngue. Nesse contexto de decadência da língua, estudos surgiram para demonstrar que o galego não era um dialeto do castelhano, mas uma língua neolatina própria, sendo um *continuum* de seu irmão gêmeo, o português, que passou da Galiza para Portugal.

Frei Martín Sarmiento foi um importante personagem na defesa do galego em pleno século XVIII. Um dos responsáveis por trabalhos de pesquisa que tinham como objetivo aproximar filologicamente as variedades do sul e do norte do Minho, além de recolher as ofensas contra o galego e seu povo oriundas não apenas da Espanha, como também de Portugal. Textos em galego voltaram a ser escritos. Esses estudos e a resistência dos galegos surgiram como impulso para o século XIX, ou o século do *rexurdimento*⁸ galego. Conforme Monteagudo (2012, p. 55):

[...] Só ao longo do século XIX reiniciou o galego a sua trajetória como língua de cultura, ao sabor das transformações políticas, ideológicas e culturais que enterraram o antigo regime e alumbraram a idade contemporânea. Durante esse lento e dificultoso acordar, o idioma da Galiza começou a ser reivindicado como sinal de identidade dum povo com personalidade própria, ao tempo em que ia ganhando terreno no cultivo literário. O momento culminante desse processo cultural que os galegos denominamos Rexurdimento (“Ressurgimento”) foi atingido por volta de 1880, quando veio a lume a principal obra poética de Rosalía de Castro, Follas Novas.

Na primeira fase desse renascimento cultural, três poetas surgiram como referência: Rosalía de Castro, Eduardo Pondal e Manuel Curros Enríquez. Na parte teórica, houve destaque para Manuel Murguía e Alfredo Brañas. O movimento de resgate do orgulho galego ficou restrito a um círculo intelectual pequeno enquanto a diglossia aumentava entre a população.

grado no aparelho de poder e uma imensa maioria monolíngue em galego. O primeiro grupo vai atuar como motor do processo de substituição linguística, atraindo para o castelhano as frações sociais que procuram ascender através da carreira burocrática. Devagarinho, o galego vai sendo identificado com uma forma natural de falar, sem qualquer relação com a cultura, e vai se abrindo espaço à crença de que é uma forma corrupta do espanhol. E tudo isto é derivado de uma situação socioeconómica que levava os aldeões a se deslocarem até à corte para realizarem os trabalhos mais desprestigiados. Tradução nossa.

⁷ O longo caminho de regeneração da língua galega. Tradução nossa.

⁸ Ressurgimento. Tradução nossa.

No fim do século XIX e início do XX, surgiram manifestações diversas em galego (atos públicos, ensaios políticos, jornais e teatro, por exemplo). Também houve a criação das Irmandades da Fala (1916) para proteger a língua galega, o que foi uma esperança para o povo. Entretanto, explodiu a guerra civil espanhola (1936-1939) e ocorreu a subida do General Franco ao poder na Espanha (1939). A ditadura franquista proibiu todas as outras línguas do Reino Espanhol, permitindo apenas a língua oficial: o castelhano. Situação que só mudaria quase 40 anos depois, com a morte do ditador (1975) e a transição democrática, pela qual, houve o reconhecimento do galego como língua própria da Galiza (1981).

A normalização da língua veio em seguida, porém surgiu a contenda entre *reintegracionistas* (que buscavam a aproximação linguística com o português) e *autonomistas* (que consideravam o galego uma língua independente que só se falava na Galiza). Os últimos venceram a disputa, oficializando a ortografia galega mais próxima da castelhana que da portuguesa. Embora haja um princípio de bilinguismo pleno na Galiza, o processo de substituição linguística continuou ocorrendo. Assim apresenta Fernández (2007, p. 147):

A situação sociolinguística da Galiza de começos dos anos 80 definia-se [...] por dois grandes fenómenos: a Diglossia e a Substituição Linguística. O termo Diglossia designa contextos, como o galego, em que dois subsistemas linguísticos que estão em contacto num determinado território se sobrepõem, de maneira que um é considerado mais prestigioso, portanto, Alto; e o outro, estigmatizado, é Baixo. Na Galiza destes anos a situação diglósica estava fortemente vinculada a factores sociais. Assim, o sistema Alto, o castelhano, estava associado às camadas dominantes e urbanas, enquanto o Baixo, o galego, estava-o às subalternas e rurais. Esta era, pois, uma situação de Diglossia Social. A isto unia-se o facto de se estar a produzir um processo de Substituição Linguística, o qual se traduzia em que, mercê à instabilidade da situação anterior, registava-se a perda acelerada de falantes do sistema Baixo em favor do Alto.

No capítulo 5 *Frágil saúde do galego na sociedade actual*⁹, Freixeiro Mato apresenta dados estatísticos e estudos de sociolinguística acerca do uso do galego no fim do século XX e início do século XXI. Apesar da perseguição ao galego desde o século XIII, a língua própria da Galiza chegou ao fim do século XX com alto número de falantes. Nos anos 1990, os dados apontaram que mais de 60% da população galega, aproximadamente, falavam sua língua de modo habitual. Já em 2004, esse índice de 60% passou para, em torno, de 50%. Em 2021, o castelhano passou a ser oficialmente

⁹ Frágil saúde do galego na sociedade atual. Tradução nossa.

a língua de maior uso na Galiza. Desse modo, a língua galega agoniza enquanto vai perdendo falantes e não é transmitida às crianças (sendo a menor faixa de falantes da língua); logo, continuando nesse ritmo, restar-lhe-ia apenas quatro ou cinco décadas de existência nas terras que a originaram, de acordo com Freixeiro Mato (2023).

Com o título *Vixencia e relevancia dos preconceitos lingüísticos*¹⁰, o capítulo 6 apresenta os preconceitos sobre o povo galego. O principal deles é o linguístico, uma vez que a pessoa fale galego, juízos como “ignorante”, “da aldeia”, “pouco instruída” e “mal educada” são atribuídas a ela. Enquanto uma pessoa que fala castelhano é vista como alguém educado e refinado. Pela Galiza, houve e há movimentos pró-Espanha em que falar a língua comum é dever de todos, desse modo, as línguas minoritárias, como o galego, devem ser combatidas, menosprezadas e desprestigiadas.

O processo de substituição linguística do galego pelo castelhano serviu-se de estratégias que versavam sobre os preconceitos linguísticos ligados ao poder econômico, à raça, à cultura e a comportamentos. A imposição econômica forçava os galegos a falarem castelhano (e ainda hoje há essa imposição ideológica), em que a própria sobrevivência está diretamente relacionada com a língua que se fala, quebrando a transmissão intergeracional da língua própria. Quanto à utilidade do galego, o autor reforça a projeção internacional da língua sob o nome de “português” em Portugal, no Brasil e em países da África, transformando-a numa língua para se falar em mais continentes, isto é, num mundo “galegófono” de quase 300 milhões de pessoas. Nas palavras de Freixeiro Mato (2023, p. 172) sobre o galego:

[...] se quixermos que sobreviva e se normalice socialmente como língua diferenciada do español, evitando así ser absorvido por este, deberemos orientalo definitivamente cara ao mundo de expresión galego-portuguesa, com Portugal e o Brasil, xunto cos outros países galegófonos¹¹.

Além dos preconceitos econômicos, há um outro que mais se parece a um paradoxo, um preconceito educacional que consiste em acusar a disciplina escolar “galego” de ser uma imposição política e ideológica. Como bem argumenta o autor, é como acusar o “inglês”, na Inglaterra, bem como o “português”, em Portugal de serem disciplinas ideológicas, que não deveriam constar na grade escolar. O sistema educacional galego ainda sofre com esse tipo de preconceito, pois não há igualdade entre as suas línguas oficiais (castelhano e galego). E os governos mais alinhados com

¹⁰ Vivência e relevância dos preconceitos linguísticos. Tradução nossa.

¹¹ [...] se quisermos que sobreviva e se normalize socialmente como língua diferenciada do espanhol, evitando assim ser absorvido por este, devemos orientá-lo definitivamente para o mundo de expressão galego-portuguesa, com Portugal e o Brasil, juntamente com os outros países galegófonos. Tradução nossa.

Madrid têm prejudicado o uso da língua galega nas escolas. Nessa perspectiva, as línguas locais na Espanha são estigmatizadas ideologicamente, situação da qual, o castelhano tira proveito, surgindo como “língua neutra”, “a língua que une a todos”, “a mais importante do Estado”.

O sétimo e último capítulo do livro é *Como revertermos o proceso de substitución lingüística?*¹² Seu início é a recapitulação dos preconceitos anteriores sobre a língua da Galiza resumidos no sentimento de auto-ódio por falar galego; situação esta que é estimulada pela classe dominante (formada por hispanofalantes). Esse grupo dominante que só fala castelhano há séculos foi moldado desde a Idade Média, e agora reproduz essa pressão linguística aos grupos populares, substituindo a língua própria pela estrangeira.

Para recuperar a língua, Freixeiro Mato convoca todos os galegos e galegas para a luta, pois é a língua de todos e a marca maior da identidade da Galiza. Sem a colaboração de todo o povo que nasceu nas terras galegas, essa recuperação será dada como impossível e o idioma próprio desaparecerá.

Além de falar a língua, sugere-se que a população apoie financeiramente os veículos de informação que utilizam o galego e que lutam por sua sobrevivência. Outras regiões com língua própria, como o País Vasco e a Catalunha, têm o investimento do povo para assegurar a sua língua. A Galiza precisa despertar antes que seja tarde e perca o maior patrimônio que tem: a sua língua milenar, cuja história é de esplendor e de resistência.

Em *Síntese e conclusións*¹³ são apresentadas dez propostas para a recuperação da língua. São ideias que remetem às discussões abordadas na obra: 1) a língua galega é viável mesmo que em situação vulnerável; 2) é necessária a participação de todo o povo galego nessa luta; 3) deve-se apoiar financeiramente iniciativas que defendam e usem a língua galega; 4) é premente a mudança política por meio do voto consciente; 5) o vínculo com o mundo que fale português tornaria o galego mais forte em seu próprio território; 6) a alteração no estatuto da Comunidade precisa ser feita para que o galego seja conhecido por dever (diferentemente do que consta hoje, sendo uma escolha); 7) uma nova lei de normalização linguística deve ser construída; 8) o ensino deve impulsionar o uso do galego; 9) o uso do galego nos meio de comunicação deve ser estimulado e impulsionado (a lei Paz Andrade, em que a Galiza deve estabelecer relação com a língua portuguesa, precisa ser cumprida; 10) por último, o apelo à toda população que vive na Galiza deveria abraçar a causa e fortalecer a estrela que guia o povo galego: sua língua própria.

Encerrando desse modo poético, Freixeiro Mato oferece um texto sólido que leva o leitor a refletir sobre a situação da Galiza e da sua língua. Ao leitor brasileiro, levará

¹² Como revertemos o processo de substituição linguística. Tradução nossa.

¹³ Síntese e conclusões. Tradução nossa.

informações preciosas sobre a história da Galiza e do seu patrimônio imaterial que é a língua também falada no Brasil. Sua história é pouco conhecida pelo povo brasileiro, este que muitas vezes, por desconhecimento, visita a região falando castelhano, a língua que oprime o galego.

Ao leitor da Galiza, torna-se um documento de defesa de sua cultura e de sua língua própria. Demonstrando toda sua história de glórias e seu passado triunfante de uma nação que foi o reino cristão mais antigo da Europa. É um livro que poderia fazer parte do sistema escolar galego. Com efeito, os estudantes teriam, em suas mãos, a história de sua nação sendo explicada por seus mestres.

A Galiza é maior do que tudo que se possa escrever sobre ela, por isso, é um dever de todos os galegofonos (ou lusófonos – como é comumente divulgado) conhecerem a história e o presente do lugar onde o galego-português nasceu e segue resistindo para não desaparecer.

Referências

CODESIDO LUEIRO, Miguel. La génesis del Reino de Portugal: una aproximación en la historiografía y en los acontecimientos. *Revista del Centro de Estudios Históricos de Granada y su Reino*, v. 1, n. 35, p. 3-23, 30 jun 2023. Disponível em: <https://www.cehgr.es/revista/index.php/cehgr/article/view/370> Acesso em: 14 fev 2024.

FERNÁNDEZ, Paulo Malvar. Autonomismo vs Reintegracionismo. Um conflito normativo visto desde a Análise Crítica do Discurso Especializado. *AGÁLIA*, n. 91-92, p. 139-169, 2007. Disponível em: <https://agalia.net/Agalia/091-92.pdf> Acesso em: 18 fev 2024.

FREIXEIRO MATO, Xosé Ramón. *A estrela que nos guía*. O galego entre un pasado brillante e un incerto futuro. Santiago de Compostela: Fundación Moncho Reboiras, 2023.

FREIXEIRO MATO, Xosé Ramón. Breve história da lingua galega. *Asociación de escritores en lingua galega*, s/d. Disponível em: https://www.aelg.gal/resources/centrodoc/members/paratexts/pdfs/autor251/PT_paratext2471.pdf Acesso em: 18 fev 2024.

LOIS-GONZÁLES, Rúbem Camilo. As relaçons de Portugal com a Ibéria: uma olhada desde a Galiza. *Lusotopie*, n. 2, p. 193-208, 2002. Disponível em https://www.persee.fr/doc/luso_1257-0273_2002_num_9_2_1525 Acesso em 09 mar 2023.

MONTEAGUDO, Henrique. A Galiza e o espaço linguístico-cultural de expressão portuguesa. In: LOBO, Tânia *et al* (orgs). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, p. 51-64, 2012. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/67y3k/pdf/lobo-9788523212308-06.pdf> Acesso em: 18 fev 2024.

PERES VIGO, Alexandre. *Do ódio à paródia*. O estereótipo antigalego na literatura espanhola do século XVII. Santiago de Compostela: Através, 2023.